

# Brasil O calvário brasileiro

CARLOS MONFORTE

02 DEZ 1993

Um susto, um fantástico choque de mil volts. Isso é o que o brasileiro vem sentindo a cada dia, nesse seu duro calvário rumo à democracia. Primeiro, foi a decepção de boa parte da população com as revelações do que era realmente o governo Collor, um governo que se pretendia salvador da Pátria. E até poderia ter sido. Depois, vieram os anões e a constatação de que aqueles que casaram Collor era tão impuros quanto ele.

Mas tem mais: o salário cada vez mais baixo, os preços subindo extraordinariamente, a paralisia do governo, o desencanto com Itamar. Em seguida, vem a descoberta do tenebroso assassinato de Ana Elizabeth, que todos gostariam de ver renascer de não sei onde, como num conto de fadas. Foi, todos sabem, um crime que abalou o País, que chocou a sociedade, quase como o tiro de Getúlio: todos ainda estamos trêmulos de espanto.

E agora vem o nosso Fernando Henrique e apresenta seu plano econômico, que traz pelos menos três esto-

pins que podem inviabilizar tudo. Já gritam empresários, trabalhadores governadores. Os trabalhadores desconfiam que essa história de indexador pode é prejudicar ainda mais os salários, como de resto acontece quando se lança invenção desse tipo.

Quanto aos empresários, que faz tempo reclamam do excesso e do abuso dos impostos, já estão se mobilizando contra o aumento real de impostos embutidos no plano. E os governadores estão elouquecidos com a idéia de congelar o repasse de verbas federais para estados e municípios no ano que vem.

A descrença chega a tal ponto que ainda é difícil acreditar que prenderam PC. Muita gente acha que ele não vai chegar ao Brasil. Pelo menos agora. E isso é reflexo da impunidade que ainda campeia, apesar de tudo. O sociólogo Betinho é provavelmente o mais indignado com esse estado de coisas, e sua ira, hoje, não perdoa nem mesmo a Justiça, quando diz que, para tirar os sem-terra de alguma propriedade, ela é rápida e eficaz; mas, para agir contra políti-

cos corruptos, é morosa e ineficiente.

Com tudo isso, o que acontece? O tecido social se esgarça, a tensão aumenta, os nervos ficam à flor da pele. Por isso é que, no começo da semar, os militares se reuniram, juntamente com alguns empresários, e repetiram aquilo que está na cabeça e na vontade de muita gente. Eles discutiram economia, política e o aspecto social do Brasil de hoje, fazendo uma sinalização alarmante.

Os militares classificam a situação social em quatro etapas: o sinal vermelho de alerta; a preocupação pelo quadro de deterioração; o estado de comoção; e a convulsão social. Para os militares, estamos hoje na comoção. Eles advertem que não têm a menor intenção de intervir, mas admitem que isso poderá acontecer quando houver coisa parecida com convulsão social. Se é uma análise fria, é também preocupante. Resta a esperança de que as coisas comecem a se arrumar no País. Só depende de nós.

■ Carlos Monforte é jornalista